

Antônio Paulo Pavone

QUEM TEM MEDO DO ECOTURISMO?

Decisão da Câmara sobre preservação da Mata Atlântica pode afetar turismo ecológico

A polêmica causada pelo substitutivo do deputado Paulo Bornhausen (PFL-SC) ao projeto de lei nº 3.285/92, aprovado pela Câmara na quarta-feira, extrapola a questão ambiental, afetando diretamente o ecoturismo. Bornhausen retira da União a competência de administrar o ecossistema da Mata Atlântica, passando esse encargo para Estados e municípios. Nunca é demais recordar que a Mata ocupa hoje cerca de 8% de sua área original. Antes, essa cobertura florestal se estendia pela faixa litorânea desde o Nordeste até o Sul. Imagens do satélite Landsat revelaram que o País perdeu 533 mil hectares de floresta nesta região entre os anos de 1985 e 1990. As manchas remanescentes desse riquíssimo bioma permanecem desprotegidas das ações predatórias dos saqueadores da natureza. O poder público continua omissos e, além de não apresentar

qualquer proposta para mudar o marasmo geral, ainda bloqueia a atuação da iniciativa privada no turismo da natureza. Só no Estado de São Paulo existem 25 unidades de conservação, a maioria delas em completo abandono. E agora que o substitutivo passou? Haverá alguma mudança para o turismo ecológico?

“Quem tem medo do ecoturismo? Eu sempre defendi essa atividade nas reservas naturais. Somente conhecendo melhor os ecossistemas ameaçados é que a opinião pública terá consciência e poderá atuar politicamente na defesa da conservação”, argumenta o ambientalista Paulo Nogueira Neto, presidente do Conselho Nacional do Meio Ambiente e responsável pela criação do Programa de Estações Ecológicas. Para ele, o substitutivo apresentado é perigoso, pois coloca nas mãos de autoridades municipais o poder de administrar este patrimônio natural da humanida-

de, considerado Reserva da Biosfera pela Unesco. “O maior problema é que ao acabar o mandato do prefeito, os programas ligados ao meio ambiente, que devem ter continuidade, ficam ameaçados”, pondera o ambientalista.

Na outra ponta do debate, a professora Nícia Wendel de Magalhães, do Conselho Consultivo do Instituto de Ecoturismo do Brasil (IEB), acredita que a descentralização do gerenciamento dos recursos da mata poderá trazer resultados positivos, mas deve ser acompanhada de um esforço de educação ambiental. “Não adianta falar da biodiversidade da Mata Atlântica se não mostrarmos os caminhos para sua utilização sustentada. O ecoturismo é a vocação natural deste santuário e quem precisa valorizar a situação é a comunidade local, pois somente assim poderá gerar recursos econômicos permanentes, ajudando a preservar”, diz a repre-

sentante do IEB.

Já existem iniciativas bem-sucedidas de gestão local, como mostra o Pólo Ecoturístico do Lagamar, envolvendo Pariqueira-Açu, Cananéia, Iguape e Ilha Comprida. O essencial é criar uma dinâmica de aproveitamento equilibrado, navegando nas inúmeras possibilidades de lazer ambiental. A região da Serra do Mar apresenta topografia única, com diversas formações de encostas, serras, ilhas, planícies, manguezais, cachoeiras e rios escondidos na floresta pluvial atlântica. É importante ressaltar que pelos cálculos do Ibama, das 202 espécies de animais em extinção, 171 vivem nestes recantos. Aliado a todo este patrimônio vivo, surge também o histórico e arquitetônico. Em Cananéia, a Igreja de São João Batista é um monumento colonial. Em Iguape, a Casa da Oficina Real de Fundação data de 1635. E isto no quintal de paulistas e cariocas.

26/10/97
65